

# ESCOLA DO FUTURO: PERSPETIVA DOS ALUNOS DE 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

**Mónica Oliveira**

Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Universidade Católica Portuguesa

Escola Superior de Educação Paula Frassinetti e

Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da UP

---

**Resumo**

Este artigo pretende (re)pensar a Escola face aos desafios da contemporaneidade, ressaltando a mudança e a inovação como o caminho a trilhar para a sua (re)invenção. Entendemos que, para encontrar as respostas a estes desafios, é necessário auscultar os alunos sobre a Escola do Futuro, tendo por base os seguintes objetivos: i) perceber como os alunos perspetivam a Escola do Futuro; ii) coligir um conjunto de contributos de suporte à sua transformação. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa que envolve uma abordagem naturalista e interpretativa, onde se utilizou como recolha de dados a observação participante e a análise documental. No total, o projeto envolveu 90 crianças e 5 professores. Os dados recolhidos permitiram concluir que a Escola tem de ser objeto de uma (re)formulação atendendo aos desafios da atualidade.

**Palavras-chave**

Escola. Alunos. Inovação pedagógica. Futuro.

---

---

**Abstract**

This article intends to (re) think the School in the face of contemporary challenges, highlighting change and innovation as the way forward for its (re) invention. We understand that, in order to find the answers to these challenges, it is necessary to listen to the students about the School of the Future, based on the following objectives: i) to understand how the students are prospective of the School of the Future; ii) collect a set of support contributions to its transformation. It is an investigation of a qualitative nature that involves a naturalistic and interpretative approach, in which participant observation and documentary analysis were used as data collection. In total, the project involved 90 children and 5 teachers. The collected data allowed to conclude that the School has to be object of a (re) formulation taking into account the current challenges.

**Keywords**

School, Students, Pedagogical innovation, Future

---

# Introdução

A escola cujo objeto central do seu trabalho é o conhecimento, face às mudanças vertiginosas que se deram nas sociedades contemporâneas, na área da psicopedagogia, ciência e tecnologia, foi-se tornando frágil, pois não acompanhou os novos saberes apresentando um conjunto de conhecimentos desajustados à realidade vivida hoje. Esta situação pressupõe novos desafios que terão repercussões, no ensino-aprendizagem para que se consiga alcançar uma formação assente numa nova cidadania e no desenvolvimento sustentável do planeta. Como defende Pérez Gómez (2010):

La era de la información y de la incertidumbre requiere ciudadanos capaces de entender la complejidad de situaciones y el incremento exponencial de la información, así como adaptarse creativamente a la velocidad del cambio y a la incertidumbre que le acompaña. (p. 38)

A contemporaneidade não se compadece com um ensino em que se trabalha com atividades abstratas e descontextualizadas e em que se desenvolvem habilidades mecânicas, de repetição, facilmente executáveis por máquinas. Como destaca Pérez Gómez, o conhecimento atual tem valor de uso: “El conocimiento que merece la pena en educación tiene valor de uso, para descubrir y crear nuevos horizontes o para resolver problemas y mejorar las condiciones de vida” (2010, p.43).

A escola tem vindo a dar os primeiros passos para esta mudança, no entanto não podemos esquecer que estas modificações “envolvem uma alteração de paradigmas, de preferências, de atitudes e de comportamentos, compreende uma transformação profunda nas dimensões humana e sociocultural.” (Ferreira, 2009, p.1). A escola atual deve-se comprometer com a educação e com a sociedade contemporânea, “em vez do alheamento da sociedade, o reforço do espaço público da educação.” (Nóvoa, 2009, p.17) É fundamental entender estas transformações, pois da escola espera-se uma preparação dos alunos que fortaleça a sua individualidade não só em conhecimentos e habilidades, mas em relação ao caráter e à personalidade para atuar de forma autónoma na sociedade, com liberdade e responsabilidade. A escola é como diz Nóvoa “uma instituição central para afirmar a nossa humanidade” (2017, p. 15).

---

# Um desenho para a escola do futuro

A escola tem agora que recentrar e reocupar o lugar que foi perdendo. “Não podemos resignar-nos a uma escola parada no tempo.” (Nóvoa, 2017, p. 17). O futuro das novas gerações passa pela escola, pela educação para que nela se formem cidadãos ética e culturalmente evoluídos e que possam construir sociedades coesas no futuro agindo sobre problemas globais tornando o mundo mais justo, solidário e humano. Para tal é importante pensar a escola tendo em consideração as suas várias dimensões. Neste artigo apresentaremos, de forma breve, algumas das ideias que consideramos basilares para a escola do futuro e que já se fazem sentir atualmente ainda que em circuitos circunscritos a espaços educativos pontuais. São elas: i) uma nova pedagogia e a sua organização educativa ii) o papel do aluno no processo ensino e aprendizagem iii) o papel do professor, iv) o espaço físico e v) a relação da escola com a família e com a comunidade.

Em relação ao primeiro aspeto, implementação de uma nova pedagogia e a sua organização educativa, ela deverá estar orientada para a transformação, para a mudança, para a inovação tendo por base a vida e os alunos de hoje (Oliveira, 2015) envolvendo novas abordagens metodológicas tendo em vista um paradigma holístico. Assim a aprendizagem deve ser centrada nomeadamente em temas de proximidade com a vivência em sociedade, pois as aprendizagens mais significativas e duradouras são as que adquirem sentido na relação que estabelecem com o mundo. Uma escola comprometida com o seu país e com o mundo global, com uma educação humanista que busca o desenvolvimento emocional e intelectual do aluno.

Como metodologias de ensino e aprendizagem propõe-se o trabalho por projetos baseados numa abordagem integradora e problematizadora, que permita aos alunos criar hipóteses, experimentar, investigar, descobrir, comparar e refletir numa ótica de resolução de problemas. Estes projetos são preferencialmente de cariz interdisciplinar e colaborativo. Estas metodologias pressupõem o desenvolvimento e aquisição de competências cognitivas, éticas e de valores e sociais (Oliveira, 2017). Para tal a gestão do currículo e do tempo letivo deve ser mais flexível. Devem existir novas práticas de avaliação dos alunos multidimensionais e multinstrumentais, contemplando, o conheci-

mento, nas suas múltiplas formas e contextos, já que o indivíduo apresenta um caráter múltiplo, (biológico, social, racional, afetivo e psíquico), assim como a sociedade apresenta diferentes dimensões (histórica, económica, religiosa, sociológica) (Morin, 2002). Também as tecnologias devem surgir no processo de ensino e aprendizagem como uma ferramenta educativa. O Wi-Fi deverá ser disponibilizado em todos os espaços da escola e fora dela, e assim os dispositivos eletrónicos com acesso à internet podem ser utilizados a qualquer hora e em qualquer lugar. Não se pode continuar a criar um fosso entre o aluno “digital” e a escola “analógica”.

No que diz respeito ao aluno, no processo de ensino e aprendizagem, a escola do futuro deverá ter em consideração por um lado, a construção de um percurso individualizado de conhecimento e um acompanhamento próprio de cada aluno atendendo à sua identidade, ao seu ritmo, estabelecendo sempre uma relação dialógica com o professor e colegas. Deve promover-se um ensino e aprendizagem que permita ao aluno ser sujeito ativo da sua aprendizagem tendo em consideração a interioridade da sua pessoa, o encontro de cada um consigo mesmo para que possam trilhar os caminhos da vida de forma autêntica e comprometida com o bem comum. Por outro lado, dever-se-á permitir aos alunos uma maior implicação na participação da vida da escola e em espaços sociais, que vão cada vez mais, no futuro assumir um papel de maior preponderância na educação. Toda esta abordagem pedagógica dá origem a novos ambientes de aprendizagem necessários para orientar os alunos para um trabalho de abrangência multidisciplinar, interdisciplinar, integrador que os conduzam ao exercício reflexivo de alargamento concetual dos fenómenos. A escola do futuro deve ser um espaço vivo de produção de conhecimento, experiência, cultura e tecnologia, que prepara os alunos para o mundo real.

Quanto ao papel do professor na escola do futuro, o novo paradigma educativo do qual temos vindo a falar que preconiza a diversificação dos modelos e das práticas pedagógicas, institui novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. Educar não é apenas transmitir e debitar conhecimentos, “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas” (Nóvoa, 1992, p. 16). Para isso ocorrer com sucesso, o professor deverá partir de questões abertas e de problemas reais.

Deve utilizar a realidade como fonte privilegiada de informação; questionar as conceções tidas como inabaláveis; criar novas propostas de interpretações científicas; fomentar a cooperação, o debate, a sinergia de recursos, a criatividade e enfatizar a articulação de diferentes áreas do saber, evitando a sua fragmentação. Marc Prensky subscreve a ideia de que o professor deve propor problemas e desafios interessantes e deixar os alunos usar as ferramentas que têm, trabalhando em grupo, partilhando, para resolver os problemas: “No more need to prepare lectures and lessons plans – just tell your kids where you want them to go and let them get there (...) Keep the kids motivated, on track, and watch them learn (...)” (2007, p. 2).

Deste modo, destaca-se a natureza tutorial da formação, onde o professor passa a ser um facilitador (Freire, 1996), um moderador, uma espécie de encenador onde os alunos são os atores principais. “La tarea educativa supone, provocar, facilitar y orientar el proceso por el que cada individuo reconstruye sus sistemas de interpretación y acción, sistemas que, no olvidemos, incluyen de forma interactiva conocimientos, habilidades, emociones, actitudes y valores” (Pérez Gómez, 2010, p. 45).

O professor da escola do futuro, de transmissor de conhecimentos, passará a ser um facilitador de aprendizagens, devendo: privilegiar a compreensão em relação à memorização; treinar a capacidade de aquisição e assimilação crítica da informação; fomentar a interatividade do ensino com grande participação dos alunos e utilizar métodos diversificados de ensino (sessões tutoriais de revisão de matérias e de esclarecimento de dúvidas, sessões de estudo orientado, seminários para discussão de temas ou de artigos científicos, trabalhos e discussão de grupo, visitas de estudo, etc.). Para se enquadrar nesta nova dinâmica de ensino-aprendizagem, os professores têm que estar abertos a processos de mudança de lecionação e devem refletir criticamente sobre os próprios métodos de ensino (Grilo, 2002).

No concerne ao espaço físico, a escola do futuro será bastante diferente do modelo que conhecemos hoje em dia, austero e pouco motivador. O espaço escolar como espaço de experimentação e de descobertas, é coadjuvante no processo de construção de conhecimento, ele impacta as práticas pedagógicas e por essa razão é fundamental pensar a sua adaptação ao mundo em que vivemos. Estes espaços devem proporcionar um conjunto de elementos físicos, sociais e culturais aos alunos e despertar informações, comunicações e vivências pessoais e coletivas. Mais, devem transmitir estímulos aos alunos, proporcionando oportunidades

de uma aprendizagem prazerosa e a realização de atividades pedagógicas criativas Walden (2009).

A arquitetura escolar faz, portanto, parte do projeto pedagógico, mas mais do que pensar no número de metros ou nos objetos que definem o espaço, é importante perceber como o espaço pode ser vivenciado, como é que se pode transformar em ambiente de interação e vida. Segundo as previsões de vários especialistas os espaços da escola deverão ser espaços de aprendizagem flexíveis, mais versáteis e adaptáveis que permitam a sua fácil reconfiguração de acordo com as necessidades da atividade de aprendizagem para que os alunos se possam organizar da maneira que for mais adequada a cada atividade.

A tendência é de que as salas sejam multiusos, que se adaptem à dinâmica do novo modelo pedagógico. Os edifícios deverão ser projetados para que todos se possam orientar, com zonas destinadas a cada faixa etária, com a respetiva segurança, mas sem barreiras ou proibições de circulação. O espaço interior da escola deverá estabelecer uma relação com a realidade exterior a partir de amplas janelas, ajudando a diminuir o nível de *stress* do ambiente escolar. A sua conceção inclui agora equipamentos e ferramentas que permitam o acesso a diversas fontes de informação e aos mais variados eventos fora da escola, permitindo aos alunos uma participação direta no seu processo de aprendizagem, contextualizado pela realidade social e tecnológica, dando maior sentido às aprendizagens e tornando-as mais significativas. No final o que se pretende é simples: tornar novamente estimulante e prazeroso o ato de aprender.

Por último, a relação da escola com a comunidade e a família são fundamentais para o sucesso dos alunos tanto na escola como na vida. Enquanto parceiros, estes três sistemas contribuem com diferentes perspetivas e conhecimentos para o desenvolvimento do processo educativo e, devem articular-se, integrando e respeitando as suas contribuições, já que os alunos aprendem e crescem em casa, na escola e na comunidade.

Para tal é necessário que todos os interlocutores busquem caminhos partilhados ajudando os alunos a ultrapassarem os desafios da vida e a tornarem-se cidadãos conscientes. A participação da família na escola, deve passar por inclui-la na gestão e tomada de decisões na vida da escola, promovendo a colaboração com a comunidade (Polonia & Dessen, 2005).

## A voz dos alunos na construção da escola do futuro

Quando se pensa em refletir sobre a escola do futuro, a tendência é auscultar todos os intervenientes no processo educativo: professores; pessoal não docente; dirigentes; já os alunos por norma não são ouvidos em assuntos que lhes dizem diretamente respeito, estão de passagem e a sua voz é residual e muitas vezes desprezada, não tendo espaço para exprimir as suas opiniões e sugestões sobre a escola e os processos de ensino-aprendizagem onde são os protagonistas. O que realmente sabemos sobre os alunos, testemunhado por eles é muito pouco.

Neste artigo partimos do pressuposto que os alunos, como indivíduos críticos, responsáveis, conscientes e comprometidos, interlocutores fundamentais da sua escola e da sua educação, devem ser chamados a pronunciar-se sobre os diferentes aspetos do ensino-aprendizagem (Oliveira, Silva & Craveiro, 2017). Entendemos que os alunos sujeitos do processo educativo têm certamente algo a dizer sobre o contexto educacional que conhecem do qual eles fazem parte, permitindo estudar a forma como a prática se desenvolve, quer num contexto de ensino (Gimeno Sacristán, 2000), quer num contexto mais alargado abrangendo toda a escola, com vista a uma melhoria da qualidade da educação.

Dar-lhes voz, significa responsabilizá-los pelo projeto educativo, ir ao encontro dos seus interesses, dos seus desejos e das suas necessidades. As suas experiências e relações com o espaço, com as aprendizagens, as relações interpessoais, a organização dos horários, legitimam e expressam as suas convicções, geram um ambiente propiciador à aprendizagem conseguindo perspetivar a escola do futuro através de mudanças muito claras. “Sendo o aluno o foco central do processo educativo, efetivamente, é a partir dele que o projeto pedagógico será construído, estabelecendo padrões de qualidade, segurança e desafio.” (Barbosa, 2009, p. 184).

Envolver os alunos na busca de soluções para os desafios da escola é encontrar soluções efetivas que os façam se sentir seguros, confortáveis e motivados. A capacidade de dar voz aos alunos deve repercutir posi-

tivamente na organização e no planeamento de ações educativas que tenham como eixo os próprios e as especificidades que envolvem seus processos de constituição como seres humanos (Buss-Simão, 2012).

A escola do futuro “exige um reforço da colaboração e da cooperação entre professores e uma maior participação dos alunos” (Nóvoa, 2017, p. 16). É preciso dar voz aos alunos instaurando processos de participação social, que fomentam vivências coerentes com seu lugar de ator social, tornando a escola um espaço de cidadania ativa.

A proposta que se apresenta neste artigo pretende ir ao encontro do que pensam os alunos de 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) sobre a escola do futuro de modo a que os dados recolhidos possam ter utilidade para aqueles que têm responsabilidades na área da Educação (Guzmán & Saucedo, 2013). Dada a idade da população alvo auscultada (8 e 9 anos), tivemos de encontrarmos estratégias dinâmicas e criativas, nas quais eles se expressassem por meio das suas próprias linguagens e/ou narrativas, foram elas: a) O diálogo através de um debate organizado sobre o tema em questão. Assumimos a relevância da prática dialógica fundada numa conceção de educação como prática de liberdade, que leva a compreender e a viabilizar a relação do pensar e agir dos alunos; b) A utilização de uma linguagem artística, as artes visuais, como estratégia para documentar as suas experiências, as suas ideias e convicções para uma reflexão alargada à comunidade educativa sobre o tema.

## Metodologia

Optou-se por uma investigação qualitativa que envolva uma abordagem naturalista e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2011), na medida em que se pretendeu “interpretar e explicar determinado fenómeno” (Miles & Huberman, 1994, p. 23), a fonte direta dos dados é o contexto natural dos alunos (Bogdan & Biklen, 1994). Os participantes neste estudo foram alunos de 1.º CEB pertencentes a 5 escolas do Concelho do Porto. O trabalho foi constituído por alunos 90 alunos, 30 do sexo masculino e 60 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos. Estiveram ainda envolvidos no projeto 5 professores. Privilegiaram-se como técnicas de recolha de dados a observação participante (Flick, 2005; Lessard-Hébert, Coyette & Boutin, 2005) e a análise documental (Lessard-Hé-

bert, 2005) incluindo diários de bordo elaborados pela investigadora e as produções artísticas dos alunos. Os instrumentos utilizados serviram assim dois propósitos: i) perceber como os alunos perspetivam a escola do futuro; ii) coligir um conjunto de contributos de suporte à sua transformação.

## Caracterização do Projeto

Tendo em consideração que a educação e a escola contemporânea exigem um funcionamento mais dialógico, participativo, estruturou-se o campo de investigação a partir da problematização que pressupõe um processo educacional que implica o reconhecimento do aluno como alguém que deve desempenhar um papel ativo na construção do conhecimento, que tem o compromisso de responder, de forma holística aos problemas que lhe são colocados e, portanto, que tem de se assumir como um cidadão ativo num micro espaço que é a escola.

O projeto iniciou-se com um debate em grande grupo entre o professor e os alunos sobre uma questão fundamental: como deverá ser a escola do futuro? a que intitulamos de roda de conversa. Este tipo de estratégia teve como intenção promover a confrontação entre diferentes experiências e, a partir delas, instaurar um movimento dinâmico, em que as narrativas de uns puderam ser enriquecidas ou problematizadas pelos demais, promovendo um diálogo formativo entre os membros do grupo. Esta roda de conversa era uma instalação artística intitulada *As caixas das Memórias* onde constavam diversas caixas de diferentes tamanhos e com diferentes objetos ou imagens. Elas funcionaram como dispositivos pedagógicos com vista a cumprir uma função acolhedora e sensibilizadora às narrativas das crianças, já que os objetos nelas contidos, pretenderam funcionar como fios que desencadearam memórias do vivido. As caixas continham elementos relacionados, nomeadamente: com o espaço da escola (sala de aula, refeitório, espaço exterior, etc); com brinquedos tradicionais e tecnológicos; com fotos de professores a ensinar; com livros; com objetos escolares; com várias crianças em interação umas com as outras e foram dispostas no centro da roda, convidando os participantes à interação. Neste espaço a partir

de uma perspetiva de questionamento formou-se uma comunidade de aprendizagem reflexiva, através da qual os alunos, de forma colaborativa, tiveram a oportunidade de analisar a cultura organizativa e educacional da sua escola, partilharem as suas concepções e as suas práticas sob uma perspetiva de questionamento e reconceptualização das suas concepções sobre este assunto.

Depois de ouvidos os alunos e atendendo às suas ideias sobre a escola do futuro, era fundamental criar um registo gráfico que pudesse ser partilhado pela comunidade educativa. Este registo foi levado a cabo numa oficina de expressão plástica. Nela as crianças tiveram a oportunidade de (re)construir de forma ativa, reflexiva e crítica e através do processo artístico as suas ideias, através de trabalhos individuais e colaborativos. O processo criativo permitiu-lhes legitimar as suas convicções de forma original e inovadora. No final do projeto foi organizada uma exposição na escola com todos os trabalhos. Neste espaço os alunos tiveram a oportunidade de partilhar as suas ideias com os colegas de outras turmas, professores, familiares e diretores da escola.

---

## Análise e discussão dos resultados

Da análise do diálogo com os alunos e dos trabalhos artísticos efetuados pelos mesmos emergiram cinco categorias de conteúdo: 1) O ensino-aprendizagem; 2) A escola promotora de relações interpessoais; 3) A escola promotora de diferentes atividades; 4) Os espaços da escola e 5) O professor.

**1) O ensino-aprendizagem:** 97% dos alunos indica que a escola continuará a ser a maior responsável pelas suas aprendizagens. Eles falam dos conteúdos e da forma como aprender no futuro. Esta ideia é congruente com o facto dos saberes se encontrarem continuamente em mudança isso implica que o processo de aprendizagem seja “processo dinâmico, complexo não linear, de teor autopoiético, hermenêutico, tipicamente interpretativo, fundado na condição de sujeito que participa

desconstruindo e reconstruindo conhecimento.” (Demo, 2004, p. 60). Quanto ao que aprender, 93% dos alunos acreditam que os professores irão ensinar matérias que vão ser importantes para o futuro deles e para o do planeta assim como para a sua integração na sociedade, bem como matérias associadas às tecnologias. Estas considerações podem verificar-se nos seguintes testemunhos:

“o que importa aprender é aquilo que precisamos para resolver problemas no dia a dia.” (A90); “vamos aprender coisas importantes para a vida.” (A89); “vamos saber coisas sobre os outros planetas.” (A54); “É importante saber um pouco de tudo, mas que tenha a ver com o futuro e não com o passado.” (A82); “Vamos aprender a proteger o planeta que é a nossa casa.” (A34); “a escola vai ensinar robótica e tecnologias.” (A56).

Sobre este último aspeto, relacionado com as tecnologias, ele já é uma realidade, porém e de acordo com (Sampaio e Leite) irá enfatizar-se mais nos próximos anos com vista a aproximar “o universo do aluno ao universo dos conteúdos escolares, e com isso contribuir para a formação básica do cidadão/trabalhador, o professor precisa utilizar as tecnologias que hoje são parte integrante da vida cotidiana.” (2008, p. 74). Quanto à forma de aprender, 98% afirma que a escola do futuro, vai munir-se das tecnologias como ferramentas de grande potencial educativo. Este facto prende-se como o impacto que as tecnologias têm na vida quotidiana, na escola e na aprendizagem (Mamede-Neves, 2007). Esta ideia que os alunos subscrevem vai ao encontro das seguintes declarações:

“As aulas serão todas com computadores.” (A1); “as aulas vão ser virtuais.” (A7). “A biblioteca vai ser um painel de *touchscreen* em que se pode escolher o livro e faz-se um *download* para o *smartphone/tablet* ou computador.” (A6); “As disciplinas vão ser uma espécie de jogos interativos em que nós participamos.” (A70); “as aulas são dadas com hologramas para visualizar a matéria” (A45); “Não vão existir cadernos, só *notebooks* e *tablets*.” (A8).

**2) A escola promotora de relações interpessoais.** No que diz respeito a este aspeto, 90% dos alunos afirmaram, que a escola do futuro vai ser um espaço onde se farão mais amizades e promoveram vários tipos de relacionamentos positivos com colegas (80%) e com a família (75%).

Esta ideia é importante já que vai ao encontro das premissas básicas para tornar o ambiente educativo saudável e prazeroso e para se obter a qualidade do trabalho e, consequentemente, de vida para todos os envolvidos no processo educacional. Para atestar estas ideias, apresentam-se as seguintes afirmações:

“Vamos poder fazer mais amigos pela net e brincar com eles nos intervalos.” (A77); “quando não tivermos amigos suficientes para uma brincadeira vamos ter robots: por exemplo, para saltar à corda, se não tivermos meninas para dar à corda pomos os robôs a fazê-lo.” (A22); “no recreio não haverá espaços definidos para cada turma, todos podemos brincar com todos e em todos os lados.” (A89); “vamos ter amigos humanos e extraterrestres.” (A37); “os pais vão participar na escola, nas reuniões e na organização de festas.” (A86); “A mãe e o pai vão apresentar projetos porque têm acesso às aulas através da net.” (A45); “os pais vão defender-nos quando for preciso, porque também vão mandar um bocadinho na escola.” (A6).

Nestes testemunhos surge o destaque para a participação da família na escola. Segundo Silva, “uma maior coresponsabilização dos pais no processo educativo dos seus educandos, tem resultados positivos para estes (...)” (2003, p.28). Podemos assim afirmar que o sucesso educativo está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum. Esta ideia vai ao encontro de que a escola nunca poderá levar a cabo a missão de educar sozinha. É necessário um diálogo constante entre escola, pais e filhos.

### 3) A escola promotora de diferentes atividades.

Nesta categoria 80% dos alunos entendem que a escola do futuro terá de apresentar uma panóplia de atividades bastante diferenciada indo ao encontro dos diferentes interesses de cada um. Como se pode verificar nos seus comentários:

“A escola vai inventar muitas atividades, sobretudo de artes.” (A55); “Vai haver uma lista enorme de atividades para fazer: tecnologias, línguas de outros países e de extraterrestres, robótica, astronomia, tudo on-line.” (A21); “vão existir mais visitas de estudo, desta vez ao espaço para conhecermos novos planetas.” (A7); “a escola vai ter atividades que nos teletransportam para onde existem pro-

fissões que nós queremos experimentar.” (A16); “vai ter atividades que são jogos interativos que nos ensinam coisas sérias.” (A44); “vamos ter atividades livres para pesquisarmos na net sobre temas que nos interessam.” (A46); “vão existir clubes com temas e cada um escolhe o que quer.” (A41).

Frequentar a escola possibilita aos alunos experimentar um contexto espacial, social e cultural diferente do ambiente primário, a família e nesse sentido a escola deve ampliar o leque de experiências dos alunos.

4) **No que concerne aos espaços da escola**, a maior parte dos alunos entende que a escola do futuro deverá ter espaços mais flexíveis (95%), com melhores condições para estudar (85%) e uma imagem mais contemporânea (80%). Com atestam os seguintes comentários:

“as escolas não vão ter muitos espaços porque o mesmo espaço modifica-se sempre que se carregar num botão.” (A78); “vão haver aulas ao ar livre e em espaços diferentes das salas de aula.” (A7); “as salas de aula vão parecer-se com as nossas casas: vão ser confortáveis, quentes e coloridas.” (A71); “A escola não vai ter paredes, as portas abrem automaticamente.” (A45); “As salas de aula vão estar a grande altitude para não se ouvirem os barulhos dos carros e das pessoas.” (A66); “a escola vai ter janelas grandes de vidro na frente para os meninos verem quando os pais os veem buscar e também poderem ter contacto com o ar livre.” (A78); “A escola do futuro tem a imagem de um foguetão.” (A69); “A escola vai ser parecida com uma nave espacial.” (A75); “entrada da escola é um computador gigante.” (A90).

Se os diferentes espaços suscitam distintas relações dos alunos consigo, com os outros colegas e com os adultos, eles influenciam a sua formação. “A dimensão espacial é fundamental na educação, pois a pedagogia faz-se no espaço. Espaço esse que se imagina e se projeta e que, sendo suporte, possibilita uma construção por parte dos que ali circulam: o espaço, então, transforma-se em lugar (Frago & Escolano, 2001, p. 61).

Este último aspeto relativo à arquitetura, vai ao encontro do que afirma Nóvoa “é necessário que as escolas se libertem das estruturas físicas em que têm vivido desde o final do século XIX. Nessa época, há quase 150 anos, os edifícios escolares foram pensados com grande ousadia e criatividade (...). Hoje, é necessá-

rio mobilizar, com o mesmo vigor, novas energias na criação de ambientes educativos inovadores, de espaços de aprendizagem que estejam à altura dos desafios da contemporaneidade.” (2009, p.77)

**5) Quanto ao professor**, 70% dos alunos apresentam a ideia de que a escola do futuro terá vários professores, já 30% dos alunos afirma que as aulas podem ser dadas de várias formas não precisando sempre da presença do professor:

“Teremos um professor português que ensina a nossa língua, parar inglês um professor de Inglaterra, para a matemática teremos um robô calculadora.” (A79); “as aulas, às vezes, também podem ser dadas por alunos que sabem muito de um assunto. Nesse dia o aluno transforma-se em professor.” A84); “também pode não haver professores mas apenas uma TV gigante para aprendermos. Esta TV tem uma mão gigante para castigar quem se porta mal.” (A20); “não vão existir sempre professores, mas sim robôs” (A5); “vamos ter robôs pois sabem mais que os professores porque estudam muito rapidamente.” (A90); “os robôs vão ter vários braços para ajudar muitos meninos ao mesmo tempo nos trabalhos de casa.” (A56); “Os professores robôs não faltam porque nunca ficam doentes. São resistentes.” (A43).

Muitas destas ideias ganham expressão no que afirma Sampaio e Leite, “Existe, a necessidade de transformações do papel do professor e do seu modo de atuar no processo educativo. Cada vez mais ele deve levar em conta o ritmo acelerado e a grande quantidade de informações que circulam no mundo hoje, trabalhando de maneira crítica com a tecnologia presente no nosso cotidiano.” (2008, p. 19).

---

## Considerações finais

Este artigo permitiu fazer uma breve reflexão sobre a escola do futuro a partir da voz dos alunos. Neste projeto eles foram reconhecidos como sujeitos capazes de atribuir sentidos ao mundo oferecendo aos adultos a sua visão singular sobre o mesmo.

As narrativas, que emergiram ao longo da roda de conversa e dos trabalhos artísticos, permitiram-lhes a oportunidade de (re)construir de forma ativa, reflexiva e crítica o seu pensamento sobre a escola do futuro nas suas diversas dimensões, tanto do ponto de vista do seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da construção da sua identidade. Os alunos assumiram-se como cidadãos ativos da escola, respondendo de forma cooperante e contextualizada ao desafio colocado pelo projeto proposto.

Assim e indo ao encontro da resposta aos objetivos que direcionaram esta investigação, podemos afirmar que para a maioria dos alunos a escola de futuro será importante para a sua aprendizagem, centrada em temas contemporâneos relacionados com a sociedade em que se encontram inseridos e pressupõe uma utilidade na sua vida. Para a efetivação desta aprendizagem as tecnologias serão a ferramenta de eleição do processo de ensino e aprendizagem pois proporcionam um acesso rápido à informação e uma comunicação mais eficaz e global. Também a oferta de diferentes atividades vai pautar a preocupação da escola do futuro. Estas atividades, no entender da maioria dos alunos, vão ao encontro dos seus interesses, podendo assim cada aluno construir o seu próprio currículo. O lado lúdico e heurístico da aprendizagem foi também algo que inferimos dos testemunhos dos alunos. Dada a diversidade de atividades, a maioria dos alunos considera que serão necessários mais do que um professor para ir ao encontro da especificidade de cada área do saber. É apontado pela maioria dos alunos a presença de professores de outros países ou mesmo robôs a lecionarem ou a coadjuvarem o professor titular. Nesta aprendizagem os alunos referiram que os espaços da escola deverão ser mais adequados à atualidade, equipados com tecnologias, mais confortáveis e flexíveis. Um outro aspeto a salientar diz respeito às relações interpessoais, já que no seu entender, o futuro é sinónimo de relacionamentos saudáveis e positivos entre os alunos e de mais amizades, sobretudo as virtuais, pois as escolas encontram-se todas ligados em rede. A escola potenciará ainda a relação com a família de forma que esta possa participar mais nas atividades desenvolvidas através da acessibilidade das tecnologias. Estas ideias coligidas dos alunos evidenciaram uma preocupação dos mesmos com as suas aprendizagens e o seu futuro e mostram que eles têm ideias que partem do mundo atual, mais concretamente de necessidades e interesses perspetivando a sua inscrição futura na sociedade e vão para além da realidade, do conhecimento já existente, centrando a sua atenção

em ideais, sonhos, magia, que se exprime “pela capacidade não só de pensar o futuro no presente, mas também de organizar o presente de maneira que permita actuar sobre esse futuro” (Furter, 1970, p. 7). Também se pôde constatar que as suas ideias, na generalidade, foram ao encontro das dimensões que são preconizadas pelos grandes pensadores da educação para a escola do futuro. Dar voz aos alunos, permitiu perceber que estes assumem uma responsabilidade social, em torno da construção de uma escola que contribui de modo decisivo para o desenvolvimento de um futuro mais consentâneo com a sociedade em que se encontram inseridos.

---

## Referências bibliográficas

- Barbosa, M. (2009). Como a sociologia da criança de William A. Corsaro pode contribuir com as pedagogias das escolas de educação infantil? In F. Muller & A. Carvalho (Orgs.), *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Buss-Simão, M. (2012). A dimensão corporal entre a ordem e o caos: espaços e tempos organizados pelos adultos e pelas crianças. In M. Arroyo & M. Silva (Org.), *Corpo infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos* (pp. 259-279). Petrópolis: Vozes.
- Demo, P. (2004). *Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer*. Porto Alegre: Mediação.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2011). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *The sage handbook of qualitative research* (pp. 1-19). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Ferreira, M. (2009). O professor do ensino superior na era da globalização. *Revista Iberoamericana de Educación*, 50, 1-10.
- Frago, A. & Escolano, A. (2001). *Currículo, Espaço e Subjetividade: A arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.
- Furter, P. (1970). *Educação e reflexão*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Gimeno Sacristán, J. (2008). *Educar por competencias, que hay de nuevo?* Madrid: Ediciones Morata.
- Grilo, M. (2002). *Desafios da Educação. Ideias para uma política educativa no séc. XXI*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Guzmán, C. & Saucedo, C. (2013). La investigación sobre estudiantes en México: tendencias y hallazgos. In C. Saucedo, C. Guzmán, E. Sandoval & J. Galaz (Coords.), *Estudiantes, maestros y académicos en la investigación educativa. Tendencias, aportes y debates, 2002-2011* (pp. 27-279). México: Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior/comie.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Mamede -Neves, M. (2006). O jovem no centro da dimensão ocultada internet. In A. Nicolaci-da-Costa (Org.), *Cabeças digitais: o jovem no centro da dimensão oculta da Internet* (pp. 181-190.). Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Miles, B. & Huberman, M. (1994). *Qualitative data analysis*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- Nóvoa, A. (2009). Educação 2021: Para uma história do futuro. *Revista Iberoamericana de Educación*, 49, 1-18.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In António Nóvoa, (coord.), *Os professores e a sua formação* (pp.13-33). Lisboa: Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2009). *Educação 2021: para uma história do futuro*. Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A. (2017). Prefácio. In Paulo Morais (2017), *Voltemos à Escola. Como a Escola da Ponte ensina de forma diferente há 40 anos*. Lisboa: Contraponto.
- Oliveira, M. (2015). *Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica*. Porto: APECV
- Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania*. Viseu: APECV.
- Oliveira, M., Silva, B. & Craveiro, C. (2017). Formação de professores: percepção de estudantes sobre a sua Formação. *Revista de Estudios e investigación en Psicología y Educación*, vol. extr., 6, 164-168.
- Pérez Gómez, A. (2010). Aprender a educar. Nuevos desafíos para la formación de docentes. *Revista interuniversitaria de formación del profesorado*, 68, 37-60.
- Polônia, C. & Dessen, M. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312.
- Prensky, M. (2007). Changing paradigms from “being taught” to “learning on your own with guidance”. *Educational Technology*, 47, 4, 64-69.
- Sampaio, M. & Leite, L. (2008). *Alfabetização Tecnológica do Professor*. Petrópolis- RJ: Vozes.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Walden, R. (2009). The School of the Future: Conditions and Processes – Contributions of Architectural Psychology. In *School for the Future. Design Proposals from Architectural Psychology* (pp.89-148). Göttingen: Högreffe & Huber Publishers.